

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA
ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA
PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá
17 a 19 de Novembro de 2016

**MÉTODO MATERIALISTA HISTÓRICO COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE
DA REALIDADE**

Gaudêncio Frigotto¹ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, Rio de Janeiro-RJ)

contato: gfrigotto@gmail.com

Este pequeno texto tem como objetivo realçar alguns aspectos centrais de concepção materialista da história e o método dialético de conhecimento da realidade humana em todas as suas manifestações na perspectiva de superação das relações sociais capitalistas, Ainda que de forma mais de um esquema de estudo do que um artigo desenvolverei os seguintes aspectos: alguns pressupostos; a crítica da concepção materialista às concepções metafísicas de realidade humano social e às visões de conhecimento que delas derivam e as categorias do método materialista histórico dialético; e, a título de considerações finais, indicações de uma leitura da conjuntura presente à luz do materialismo histórico e suas implicações econômicas, políticas, psicossociais e educativas para classe trabalhadora.

1. Pressupostos da compreensão materialista da realidade histórica e do método dialético de apreendê-la

Qualquer que seja o método de conhecimento tem, de forma explícita ou implícita, uma determinada concepção de natureza humana e de sociedade e de acordo com esta concepção o sentido de sua ação prática ou de sua práxis. Portanto a dimensão ontológica do ser social prescinde as concepções epistemológicas e a orientação da ação política.

Deste primeiro pressuposto deriva o que Karel Kosik (1986) denominou de monismo materialista em contraposição ao pluralismo metodológico na compreensão da realidade sócio-histórica. Diferente das visões do pluralismo metodológico que sustentam que ora um fator ora outro (economia, política, religião, cultura, etc.) constituem-se no núcleo a partir do qual se estrutura a sociedade, Kosik sustenta que em qualquer sociedade não a economia como fator, mas a estrutura econômica social definida pela natureza das relações sociais que a

¹. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor titular em Economia Política da educação na Universidade Federal Fluminense (aposentado). Atualmente professor no Programa de Pós graduação em Políticas Públicas e Formação Humana na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

constitui, nos permite efetivar análise das classes sociais e o critério das mudanças que ocorrem ao longo do tempo nas sociedades de classe, tanto na manutenção dos processos de dominação, exploração e expropriação, quanto aqueles que, dentro da velha ordem, apontam elementos de sua superação.

O monismo materialista, que concebe a realidade como complexo construído e formado pela estrutura econômica, e, portanto, por um conjunto de relações sociais que os homens estabelecem na produção e no relacionamento com os meios de produção, pode constituir a base de uma coerente teoria das classes e ser o critério objetivo para a distinção entre mutações estruturais – que modificam o caráter da ordem social – e mutações derivadas, secundárias, que modificam a ordem social, sem, porém, mudar essencialmente seu caráter (KOSIK, 1986, p.105)

De outra forma, mas no mesmo sentido da tese do monismo materialista Friedrich Engels, ao despedir-se do amigo Karl Marx no dia 17 de março de 1883 no cemitério de Highgate, sublinhou seu grande legado para entender o processo histórico. Trata-se do ponto de partida historicamente central na construção do conhecimento, da ciência e da educação que interessa à classe trabalhadora.

mais-valia iluminou de imediato o problema, que todas as investigações anteriores, tanto as dos economistas burgueses como as dos críticos socialistas, haviam estado tratando de resolver navegando no obscuro (ENGELS, 1883, p. 1).

É nesta compreensão que Marx entende o sentido ontológico do trabalho social produtivo como valor de uso. Uma categoria antediluviana e, enquanto necessidade universal dos seres humanos princípio formativo do seu caráter e personalidade. A unidade do trabalho e educação visa a formação do ser humano novo numa sociedade sem a divisão em classes sociais. Uma mediação ontológica de primeira ordem antagônica às formas que assume o trabalho nas sociedades escravocratas e a compra e venda de força de trabalho sob o capitalismo.

O segundo pressuposto, derivado deste primeiro, é de que nas sociedades de classe as teorias e métodos de análise não se somam, mas são disputas sobre a compreensão de como a realidade humana, em todas as suas dimensões, é socialmente produzida. Neste sentido não há conhecimento neutro assim como a objetividade traz a marca dos interesses de classe.

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

Historicamente a classe dominante tem interesse de manter as relações sociais e os processos educativos que reproduzem seus interesses. Por isso, são as classes dominadas, em nossa sociedade a classe trabalhadora e seus intelectuais orgânicos ou aqueles que se colocam na defesa dos seus interesses é que podem desvelar o que está subjacente às relações econômicas, políticas, culturais, educacionais, etc., dominantes²

. Isto não elide o fato de que determinadas descobertas feitas por outros referências não possam ser incorporadas de forma subordinada. Marx foi um exemplo em relação ao pensamento filosófico alemão, do qual Hegel é a expressão e síntese maior, ao pensamento econômico empiricista a Inglês, em relação à Adam Smith e a David Ricardo e ao pensamento socialista utópico em relação especialmente a Pierre Joseph Proudhon.

Por fim, um terceiro pressuposto, é de que, como sublinha Fredric Jameson (1994), o materialismo histórico dialético não é o único referencial teórico e metodológico que faz a crítica ao capitalismo, mas o único que tem como objeto o sistema capitalista e busca desvelar, pela raiz, seu metabolismo social na perspectiva, da sua superação. Portanto, o conhecimento derivado desta concepção e de seu método dialético tem implícita a ação política concreta que busca a mudança das relações capitalistas. Por isso que o materialismo histórico é, ao mesmo tempo, uma concepção de realidade, um método para analisá-la e uma práxis revolucionária para uma nova ordem social sem a dominação de uma classe social sobre as demais.

2. Marx e a crítica às concepções metafísicas da realidade humano social e às visões de conhecimento idealista e empiricista.

György Lukács ao buscar na obra de Marx a concepção do homem com ser histórico social explicita-nos a ruptura que o mesmo faz em relação às ontologias metafísicas, a ontologia idealista e da modernidade burguesa³.

Com efeito, do mundo grego até o a concepção idealista de Hegel, o ser humano se define por uma essência humana a - histórica. Esta determina a história da humanidade, mas não pode ser determinada ou alterada pela história. Trata-se da existência de forças ou de ser

² Para uma análise da objetividade do ponto de vista das classes Sociais ver: LÖWY (1986)

³ Ver, para um aprofundamento do que aqui apresentamos como idéia geral, LUKÁCS (2009 e 2010)

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

eterno, fixo, onipotente e imutável. Hegel do qual Marx é inicialmente discípulo, desenvolveu o pensamento dialético, mas não no plano da realidade histórica e sim no plano da ideia. Marx reconhece a potência e a importância do pensamento de Hegel ao dizer que sua tarefa foi de colocar de cabeça para baixo a sua dialética. Isto, partir da realidade, da confrontação de fatos com fatos e não de idéias com idéias.

Na modernidade, a burguesia rompe com as visões metafísicas de uma essência a - histórica - o cosmos, as ideias, deus, mas a substitui por uma “metafísica” de uma natureza humana sem história. De John Locke, Thomas Hobbes, David Hume, Adam Smith e seus seguidores até o presente partem do suposto de uma essência humana utilitarista onde cada um busca o bem próprio. Algo que por natureza está em cada um de nós e que, portanto, se cada um desenvolve o resultado será o progresso, a prosperidade de todos. Com isso ignora-se que até o presente a humanidade viveu sob o domínio de uma classe sobre as demais.

Na concepção materialista histórica de ontologia de Marx o ser humano não nasce humano, torna-se humano e, por isso, a ideia central é de que tudo aquilo que existe é de responsabilidade do ser humano. Esta compreensão é que define o princípio fundamental da ética materialista, campo dos direitos universais de cada ser humano.

Talvez a melhor síntese da visão materialista do ser social a encontramos em Karel Kosik quando indica que na produção e reprodução de si mesmo os seres humanos produzem:

- a) os bens materiais, o mundo materialmente sensível, cujo fundamento é o trabalho;
 - b) as relações e as instituições, o complexo das condições sociais;
 - c) e sobre a base disto, as idéias, as concepções, as emoções, as qualidades humanas e os sentidos correspondentes.
- Sem o sujeito, estes produtos sociais do homem ficam privados de sentido, quanto o sujeito sem os pressupostos materiais é uma miragem vazia. A essência do homem é a unidade de objetividade e subjetividade. (KOSIK, op. cit. p.113).

A síntese de Kosik deriva da compreensão de que a consciência ou as idéias sempre são ancoradas na materialidade histórica ou de as idéias, ideologias, concepções de uma época são parte desta materialidade.

A produção das ideias, de representações da consciência, está de início diretamente entrelaçada à atividade material e ao intercâmbio material; (...) os homens são produtores de suas representações, de suas ideias etc., mas os

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

homens reais e ativos (...). A consciência jamais pode ser outra do que o ser consciente e o ser dos homens é seu processo de vida real (MARX; ENGELS, 1986, p. 36-37).

É sob a ótica de uma natureza humana sem história que os intelectuais da burguesia fundaram o estatuto da ciência burguesa e os métodos de construí-la. Ciência e métodos que lhes permitem perceber as disfunções e mesmo a desigualdade no interior da sociedade capitalista, mas por condição de classe não consegue perceber as determinações que as produzem.

Lefebvre, ao explicitar a visão de Marx sobre os limites das classes dominantes, especialmente a burguesia e seus intelectuais, na compreensão do processo histórico destaca:

“São os limites de uma época” – de uma classe – mais que o egoísmo deliberado ou uma “mentira de classe” que explicam os limites das ideias; não existem “verdades” de classe; há apenas a “verdade”, o “conhecimento objetivo”, que o pensamento humano atinge por tentativas, por “aproximações sucessivas”. E o grau desta aproximação é definido pelo tempo e pelo lugar, pela classe dominante, pelos seus limites sociais. “A verdade e o conhecimento objectivo continuarão incompletos, ‘abstractos’ e ‘unilaterais’, enquanto uma classe, historicamente, não tiver senão objetivos limitados, aspirações e fins restritos” (LEFEBVRE, 1966, p.45).

Marx, neste sentido, debita à burguesia revolucionária um caráter civilizatório em relação ao Estado absolutista, o poder da igreja e as relações sociais escravistas. Porém, de forma irônica no texto *Crítica da filosofia do direito de Hegel* nos convida agora a acertar as contas com as visões de ser humano e de ciência da burguesia.

Consequentemente, a tarefa da história, depois que o outro mundo da verdade se desvaneceu, é estabelecer a verdade deste mundo. A tarefa imediata da filosofia, que está a serviço da história, é desmascarar a auto-alienação humana nas suas formas não sagradas, agora que ela foi desmascarada na sua forma sagrada. A crítica do céu transforma-se deste modo em crítica da terra, a crítica da religião em crítica do direito, e a crítica da teologia em crítica da política (MARX, 2005, p.146)

3. O Método Materialista histórico dialético e suas categorias básicas

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

Sob esta base Marx efetiva a crítica tanto às visões idealistas de conhecimento quanto as visões empiricistas. A ciência seria desnecessária se houvesse uma identidade entre o que vemos e o mundo dos fenômenos, e o real ou o concreto pensado.

Assim Marx mediante a concepção materialista da realidade e o método dialético de apreendê-la efetiva uma dupla superação. Em relação ao idealismo, que estabelece uma cisão entre o pensamento e realidade dando autonomia ao primeiro como se ele cria-se a realidade, Marx vai contrapor a existência da unidade no diverso. Em relação à visão positivista empiricista que estabelece uma identidade entre o fenômeno e o real, Marx sublinha a diferença de ambos em sua unidade.⁴

O que Marx nos evidencia é de que no plano empírico o fenômeno e o real são a mesma coisa, mas não no plano do conhecimento. O conhecimento daquilo que constitui o que está subjacente aos fenômenos resulta de um processo laborioso de investigação. Implica desvelar as mediações, conexões, contradições e particularidades dos objetos de investigação na sua relação com a totalidade histórica que os constitui.

Ao expor seu método na análise da economia política Marx assinala que aparentemente deveríamos partir da população que expressa *a base e o sujeito do ato social de produção como um todo*. (MARX, 1983, p. 218). Entretanto, destaca que a população é uma abstração desprezarmos as classes sociais que a constitui. As classes, por seu turno, também se não tomarmos em conta a divisão do trabalho assalariado, o capital etc.

Por isso se começamos pela população o que se apresenta é um todo caótico, mas através da análise das classes e do que as constitui, o capital e o trabalho assalariado, etc., chegaríamos a compreendê-la não mais como um todo caótico, mas uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas (ibid. p. 218). Em seguida Marx conclui com explicitação do núcleo central de seu método ao afirmar que este segundo movimento é o *método científico correto*:

O concreto é concreto porque é síntese de muitas determinações, logo, unidade da diversidade. É por isso, que ele é para o pensamento um processo de síntese, um resultado, e não como ponto de partida, apesar de ser o verdadeiro ponto de partida e, portanto igualmente o ponto de partida da observação imediata e da representação O primeiro passo reduziu a plenitude

⁴ Para aprofundar esta análise e as questões da subjetividade em Marx ver: BARTA- MOUR A (1998)

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

da representação a uma determinação abstrata; pelo segundo, as determinações abstratas conduzem à representação do concreto pela via do pensamento. Por isso Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento, que se concentra em si mesmo, se aprofunda em si mesmo, se movimenta em si mesmo, enquanto que o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto é para o pensamento precisamente a maneira de se apropriar do concreto, de o reproduzir como concreto espiritual. Mas este não é de modo nenhum o processo de gênese do próprio concreto. (op. cit. P. 2018-219)

A dialética, assim, está no real e não no pensamento, este tem o desafio de apreender as múltiplas determinações que constituem a efetiva realidade ou “verdade histórica” dos problemas que buscamos, pela pesquisa, desvendar.

O método materialista histórico dialético busca, pois, apreender a estrutura e a processualidade contraditória, as conexões ou mediações e a particularidade do objeto de pesquisa os quais não são dados imediatamente ao pesquisador. Por isso Marx distingue o método de pesquisa do método de exposição. No primeiro trata-se de levantar, por todos os meios possíveis as fontes que nos fornecem os dados implicados no objeto que investigamos. De posse dos dados trata-se de estabelecer as conexões que se estabelece entre os mesmos dentro da totalidade concreta que a particularidade que analisamos ganha compreensão efetiva.

É na argumentação de seus críticos, paradoxalmente, que Marx sublinha os fundamentos materialistas de seu método de análise da realidade histórica. Assim, referindo-se às críticas expostas no Periódico de São Petersburgo “Mensajeiro Europeu” destaca um de seus críticos:

Para Marx só uma coisa importa: descobrir a lei dos fenômenos que ele pesquisa. Importa-lhe não apenas a lei que os rege, enquanto têm forma definida e os liga relação observada em dado período histórico. O mais importante, de tudo, para ele, é a lei de sua transformação, de seu desenvolvimento, isto é, a transição de um a forma para outra, de uma ordem de relações para outra (MARX, 1980. p. 14)

Realidade que é sempre processual, contraditória e, portanto não linear, mas mediada. As categorias de totalidade concreta, contradição, mediação e particularidade constituem o núcleo básico do método materialista histórico dialético. Categorias que se definem sempre no processo histórico e, portanto, nunca estáticas. Daí o maior desafio atual do método

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

histórico dialético para Francisco de Oliveira (1987) não é a vulgata, mas, a dificuldade ou a incapacidade de saturar de historicidade as categorias e os conceitos.

A categoria de totalidade concreta expressa a concepção oposta da concepção positivista e empiricista que entende o real pesquisado como soma de fatores. Na concepção materialista a parte nunca pode ser entendida fora da totalidade que a constitui. Totalidade que não é tudo, mas as determinações e mediação imediatas e mediatas que revelam constituem o objeto que estamos investigando⁵.

As categorias de contradição e de mediação é que definem a processualidade a historicidade de cada fenômeno do real. A contradição não é sinônimo de oposição e sim a forma de ser da realidade histórica que engendra, em qualquer processo do real, a unidade diversa da positividade e da negatividade. A realidade de qualquer fenômeno do ponto de vista materialista histórico, como sublinha Fredric Jameson (1997), é X e Y ao mesmo tempo e não X ou Y como se pautam as análises por antinomias.

A mediação constitui as relações ou conexões das múltiplas determinações dos processos sociais (econômicas, políticas, culturais, educacionais, etc.,) que envolvem um objeto de estudo no tempo e no espaço⁶. O ponto de partida é sempre o campo da particularidade em relação a dimensões historicamente mais universais. Assim, embora a exploração do trabalhador mediante a extração da mais-valia seja algo universal no modo e produção capitalista. Todavia, o grau de exploração e as formas concretas que a mesma assume dependem de cada contexto e como a luta de classe se desenvolveu historicamente.

Um exemplo clássico de análise, à luz do materialismo histórico, sobre a particularidade de nosso processo histórico como sociedade capitalista, valendo-se do método materialista histórico, é efetivado por Florestan Fernandes quando assinala que diferente das revoluções burguesas clássicas onde classe burguesa buscou formar e defender a nação e seus interesses permitindo, ainda que de forma desigual, o acesso a direitos básicos e sociais, nossa burguesia optou por associar-se aos centros hegemônicos do capital construindo uma sociedade que

⁵ Para um aprofundamento da compreensão da categoria totalidade concreta ver Kosik: Dialética da totalidade concreta, op. cit. P. 33 -54.

⁶ Uma ampla análise sobre as mediações no conhecimento histórico o leitor encontra em CIAVATTA (2016).

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA
ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA
PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

combina altíssima concentração de propriedade e de riqueza para poucos e pobreza e miséria para a grande maioria⁷.

4. A título de considerações finais: O presente a desvelar.

O que acabamos de apontar da análise de Florestan Fernandes sobre nossa particularidade histórica de sociedade capitalista nos indica que a classe dominante brasileira tem como uma de suas marcas de ser anti nação, anti povo e ante os direitos universais de alimentação, habitação, saúde, e o acesso universal da educação básica de qualidade, condição mínima necessária para a cidadania política e a inserção ao mundo da produção na base científico técnica atual.

A negação desses e outros direitos universais efetivam-se por ditaduras e golpes institucionais, pois, como indica Luiz Fernando Veríssimo *Está no DNA da classe dominante brasileira, que historicamente derruba pelas armas se for preciso, toda ameaça ao seu domínio, seja qual for sua sigla*⁸.

Os efeitos sobre a vida (saúde física e psíquica e condições de trabalho que permitam o acesso aos bens mínimos de sobrevivência) da grande maioria da população composta pela classe trabalhadora e mais radical do que nos indicam Richard Sennett (1999) e Christophe Dejours (2000), o primeiro sobre a degradação das condições de trabalho e os efeitos sobre o caráter das pessoas e o segundo sobre a naturalização e a banalização da injustiça.

Vivemos hoje no Brasil sob um novo golpe de Estado e os efeitos sobre a classe trabalhadora, pelas medidas em curso, são avassaladores. Somos interpelados a um duplo desafio: de à luz do materialismo histórico apreender a especificidade e virulência e, ao mesmo tempo não ficar apenas na batalha das ideias, mas ampliar todas as formas possíveis a resistência ativa no plano da ação política

O que tem de novo este golpe e porque ele é mais radical que a ditadura empresarial militar de 1964? Desde a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, embora seu governo e nem de Dilma Rousseff não tenham confrontado o capital em suas diferentes frente, mormente o

⁷ Ver FERNANDES (1974 e 1975)

⁸ Ver a crônica de Luiz Fernando Verissimo. Ódio, O Globo, caderno de Opinião de 25/06/2015. Retirado de <http://oglobo.globo.com/opiniao/odio-165465330>, em 14 de novembro de 2016.

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

financeiro, as diferentes frações de classe foram se organizando como classe orgânica em todas as esferas da sociedade (no judiciário, parlamento Ministério Público, grande mídia empresarial, na religião, na educação e cultura. O campo de esquerda moveu-se em sentido contrário fracionando os partidos e as centrais sindicais.

Até que a economia crescia com o PIB chegando a mais de 7% o aumento real do salário mínimo, as diferentes políticas de transferência de renda às frações mais pobres da classe trabalhadora, a expansão de universidades públicas e Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia com inclusão de índios, quilombolas etc., não incomodava. Com a mais grave crise sistema capital em nível planetário e seus reflexos no Brasil com PIB negativo e vendo que para manter as políticas públicas em curso o risco era de perdas em seus ganhos, constrói-se a opinião pública para um novo golpe de Estado.

Golpe que como em 1964 apela para motivações morais, agora a corrupção. A montagem da Operação Lava Jato, logo após a reeleição de Dilma Rousseff, nada tem de inocente e junta interesses internos para consumir o golpe e externos. Os externos o olho grande do império norte americano na Petrobrás e a insatisfação da política externa brasileira, mormente sua liderança na América Latina e a formação do grupo político de cooperação formado pelo Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS). Outro componente que se repete neste golpe, o papel da mídia empresarial, verdadeira máquina de moer cérebros na produção na desqualificação do governo quer como fetiche das pedaladas ou de sinalizações de indícios transformados em “verdades.

O fato novo é que a organização orgânica da classe dominante brasileira pode fazer o golpe sem o apela das forças armadas, mas como o papel ativo do parlamento, de parte do judiciário, mormente do Ministério Público e a presença ativa da Polícia Federal. Um golpe que vários analistas o cunharam como parlamentar, jurídico e midiático. Nova é também a estratégia de criminalizar antes de qualquer julgamento dentro dos trâmites do estado de direito. Para tanto, a deleção premiada de empresário e políticos presos, que a partir de seus depoimentos filtra-se o que interessa e alardeia-se em espetáculos midiáticos e com as expressões de organização criminosa, quadrilha etc. E, por outro porte, uma autonomia nunca vista à Polícia Federal e ao Ministério Público Federal⁹.

⁹ Para uma maior compreensão do sentido grave desta novidade no âmbito jurídico e policial ver as análise de Giorgio Agamben (2015) sobre o papel soberano da polícia e a natureza da delação premiada mediante a

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

Duas palavras que se constituem em signos que necessitam de cuidados na análise, pois se firmam na lógica do ódio: *mortadela e petralhas*. O primeiro é de condenação e ódio aos pobres por terem sidos incorporados, ainda que precariamente, ao consumo e por políticas de inclusão nas universidades, e institutos federais. Os arautos do golpe e seus apoiadores estão proclamando: índios, quilombolas, negros, pobres, empregadas domésticas agora voltem ao que eram antes. O mesmo para o salário mínimo com ganhos acima da inflação.

O segundo, combinação de PT com a figura dos irmãos metralhas formam uma quadrilha de ladrões dos desenhos animados, é expressão do ódio não somente ao PT, mas ao pensamento crítico. Na crônica Ódio, acima referida na nota 9, Luiz Fernando Veríssimo capta, com a sutileza da literatura, o sentido mais amplo de petralha:

É inútil tentar debater com o ódio exemplificado pela reação à entrevista do Jô e argumentar que, em alguns aspectos, o PT justificou-se no poder. Distribuiu renda, tirou gente da miséria e diminuiu um pouco a desigualdade social — feito que, pelo menos pra mim, entra como crédito na contabilidade moral de qualquer governo. O argumento seria inútil porque são justamente estas conquistas que revoltam o conservadorismo raivoso, para o qual “justiça social” virou uma senha do inimigo.

O duplo quadro de ódio se expressa objetivamente mediante três medidas que se relacionam de forma emblemática: A PEC 241 que congela por vinte anos o investimento das políticas públicas, mormente relativas as saúde e educação e o congelamento pelo mesmo tempo dos ganhos reais do salário mínimo. PEC que será complementado em seu horror pela anunciada reforma da previdência. Medidas estas que se dão num quadro de Estado de exceção e com um forte componente de repressão jurídica e policial.

No campo da educação, a organização em 2005, por um grupo de empresários, do movimento Todos pela Educação e, um ano antes, em 2004, o movimento Escola sem partido, evidencia a intencionalidade da classe detentora do capital de agir organicamente na disputa pela educação no interior do governo Luiz Inácio da Silva. Note-se que a UNESCO proclamava o slogan Educação para todos. A mudança sutil de Todos pela educação sinaliza, em verdade, à educação na lógica mercantil. Em 2006 o Todos pela educação (mercantil) lançado oficialmente c Omo parceiro do governo no Plano de desenvolvimento da Educação.

categoria religiosa do arrependimento. Em relação ao papel da polícia ver texto de Antônio Cândido sobre *O caráter da repressão*, publicado em 1972 pelo Jornal Opinião e recuperado pelo portal OUTRAS PALAVRAS em. 8 setembro de 2016.

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

Trinta e duas organizações empresariais compõem o Todos pela educação, sendo 14 financiadores e 18 colaboradores. A atual secretária Executiva do MEC (Ministra de fato, ainda que não de direito) Maria Helena Guimarães de Castro [e uma das sócias fundadoras do todos pela educação e membro (talvez no memento em licença) da comissão técnica. Uma das figuras centrais da equipe nos oito anos de gestão Ministro Paulo Renato de Souza frente ao Ministério da Educação.

Com o golpe consumado os empresários buscam consagrar em Lei aquilo que era antes um movimento de disputa. Trata-se do Projeto de Lei 867/2015 que tramita no Congresso e a Medida Provisória 746 que reforma o ensino médio. Na verdade o que postula o Escola sem partido é um ensinar neutro dissociado do educar. Isto significa que a interpretação única é do que postula a sua ideologia.

Se o Escola sem partido se transformar em lei, a coação mediante delação de pais, alunos de professores que ousam fazer análises. Antes mesmo de aprovado está em ação intimando reitores a depor ou admoestando por advertência. Se aprovado, será uma guilhotina na cabeça dos educadores que pautam uma análise crítica em seus campos disciplinares. Um desmanche da relação pedagógica que pressupõe a confiança entre professor e aluno. Além disso, a proposta da delação dos alunos, pais ou de colegas professores, é pior que o dedo-duro da época da ditadura empresarial militar. Na ditadura o delator era um profissional.

A reforma do ensino médio pelo arbítrio autoritário da MP empresa uma medida de interdição aos pobres na definição de seu futuro. Um tríplice retrocesso que junta: o que de pior existiu na reforma Capanema na década de 1930 mediante a retomada da não equivalência, ainda que dissimulada, pelos itinerários formativos da parte dita flexível da reforma; o que de pior existiu na Lei 5692 de 1971 no auge da ditadura empresarial militar, mediante a reintrodução da profissionalização no ensino médio, aqui também dissimulada por uma suposta possibilidade de escolha do aluno; e, pro fim, um retorno piorado do que foi o Decreto 2208/96 que reintroduziu a dualidade no ensino médio separando a parte propedêutica da profissionalizante.

A reforma liquida o ensino médio como etapa final da educação básica, escancara a privatização deste nível mediante parcerias com grupos empresariais, mormente os parceiros do Todos pela educação e ao tirar retirar ou tornar não obrigatórias sociologia e filosofia e

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA
ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA
PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

compactar história e geografia, expressa na prática o ideário do movimento Escola sem partido.

De forma indicativa eis a esfinge que nos ameaça e que nos cobra uma ação coordenada forte no plano da luta política. É o campo da direita que explicitou como nunca em nossa história e às claras a luta de classe. Isto nos interpela ao embate que no contexto que nos encontramos implica entre outras tarefas: uma auto crítica do campo de esquerda para, no pluralismo, buscar a unidade que defenda os interesses da classe trabalhadora no seu conjunto, condição imprescindível para confrontar as políticas do governo golpista para renascer das cinzas; articular as forças da cidade e do campo nos seus movimentos sociais, sindicatos, partidos políticos e organizações culturais para que se possa restabelecer o Estado de direito; retomar, no campo da educação a realização de amplos congressos como foram os Congressos Nacionais de Educação (CONEDS) no período da gestão de Paulo Renato de Souza e as Conferências Brasileiras de Educação na década de 1980; estar junto às lutas da juventude da classe trabalhadora cujas medidas de austeridade e reformas na educação as condenam a um *apartheid* social; reforçar todas as lutas coletivas para que não sucumbir à pedagogia do medo, forma atual de anulação da política. Vale aqui, neste sentido a lembrança de Antônio Cândido, no texto sobre o Caráter da repressão, citado na nota 10, do que escreveu o pensador André Pegny em seu diário: *Não tenha medo da pobreza, nem do exílio, nem da prisão, nem da morte. Mas tenha medo do medo.*

Referências

AGAMBEN, G. **Meios sem fim. Notas sobre política.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

CIAVATTA, M. O conhecimento histórico e o problema teórico-metodológico das mediações. In: FRIGOTTO, G; CIAVATTA, M. (orgs.) **Teoria e educação no labirinto do capital.** 4ª Ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2016.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2000.

ENGELS, F. **Discurso ao lado da tumba de Karl Marx.** Retirado do Blog de Debate ISKRA – Teoria e Política Marxista. Acesso em 14 de nov. 2016.

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA
ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA
PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

FERNANDES, F. **A Revolução Burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

_____. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

JAMESON, F. **Espaço e Imagem - Teorias do Pós-moderno e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.

_____. JAMESON, F. **As sementes do tempo**. São Paulo: Ática, 1997.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LEFEBVRE, H. **Para compreender o pensamento de Karl Marx**. Lisboa: Edições 70, 1966.

LÖWY, M. A objetividade do ponto de vista das classes sociais. In: _____ **Método dialético e teoria política**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986, p. 9-34.

LUKÁCS, G. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. In: _____ **O jovem Marx e outros escritos filosóficos**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009, p. 225-251.

_____. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. Campinas: Boitempo, 2010.

MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. O método da economia Política. In: **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo, Martins Fontes, 1983, p. 218-226.

_____. MARX, K. Posfácio da 2ª edição. In: **O capital**. L. I, vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1986.

MOURA, J. B. **Materialismo e subjetividade – Estudos em torno de Marx**. Lisboa: Editorial Avante, 1998.

OLIVEIRA, F. de. **O elo perdido**: classe e identidade de classe. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. São Paulo: UNESP, 2011.